

“Ética é o primeiro passo para a sustentabilidade”



O presidente do Comitê Brasileiro do Pacto Global, iniciativa das Nações Unidas (ONU), Vitor Seravalli, diz que a ética é o primeiro passo para a sustentabilidade. Segundo ele, no Brasil o combate à corrupção precisa ser internalizado, sendo necessário mudar a cultura do país.

Revista da FIEC – O que é o Pacto Global e qual o seu objetivo?

Seravalli – O pacto começou há dez anos como uma iniciativa das Nações Unidas, convocando a comunidade empresarial para se comprometer em relação a dez princípios, baseados em valores universais, divididos em quatro áreas: direitos humanos, direitos do trabalho, meio ambiente e combate à corrupção. As empresas voluntariamente se tornam signatárias, membros da iniciativa. Elas assumem o compromisso de defender a Declaração Universal dos Direitos Humanos, de apoiar a liberdade de associação, não aceitar o trabalho escravo ou infantil e criar evidências de inclusão social. Também se comprometem com a preservação do meio ambiente e com o combate à corrupção. Ou seja, o pacto se

tornou uma grande oportunidade de as empresas trazerem a sustentabilidade baseada em valores para os seus negócios.

RF – O que é sustentabilidade empresarial?

Seravalli – O entendimento da sustentabilidade como a satisfação das necessidades do presente sem causar prejuízo às gerações futuras para que elas possam satisfazer também as suas necessidades. É uma referência que vale para organizações e também para cidadãos. Ou seja, ela é uma competência que faz com que a organização seja sustentável e corresponsável com o desenvolvimento da sociedade. Quando ela conseguir exercer isso é a hora que a empresa se torna realmente sustentável. É uma questão de relacionamento. É importante que a empresa entenda a necessidade de engajar, de trazer seus públicos de interesse (funcionários, comunidades, fornecedores, clientes, governos locais e sindicatos) para perto dela, escutando as necessidades e colocando isso no planejamento do próprio negócio.

RF – As empresas brasileiras estão realmente trilhando o caminho da sustentabilidade empresarial?

Seravalli – O que eu tenho visto é, como no Ceará, uma tendência de formação de redes de trabalhos realmente com objetivos de longo prazo, consistentes e de grande futuro. Mas existe um contraponto: na grande maioria de empresas os líderes ainda têm uma visão assistencialista. Eles estão muito mais preocupados em dar o peixe do que em ensinar a pescar. Agem assim na perspectiva de mostrar que estão fazendo o bem para sociedade, mas como não conectam com o planejamento do negócio, o que fazem é visto como custo e não como investimento.

RF – Qual o maior desafio brasileiro para atingir a sustentabilidade?

Seravalli – A ética é o primeiro passo para a sustentabilidade. Aqui no Brasil, o combate à corrupção precisa ser internalizado. É necessário mudar a cultura do país. O problema é que o contraste que existe na distribuição de renda acaba tornando o ambiente propício à corrupção.

RF – Como o SESI pode contribuir para que as empresas cearenses se tornem parceiras do Pacto Global?

Seravalli – O SESI Nacional está se tornando membro do pacto. E nós queremos usar a capilaridade que a instituição tem no país para disseminar a iniciativa. Apesar de sua importância, o pacto ainda é pouco conhecido. Tenho certeza: no momento em que o SESI Nacional se tornar signatário, nós vamos ter aqui no Ceará uma enorme base de disseminação. Eu não vim aqui à toa. Sei onde estou pisando. É um chão bom e fértil.

RF – Quantas empresas fazem parte hoje do Pacto Global? Há alguma do Ceará?

Seravalli – Hoje temos mais de 7.500 organizações signatárias no mundo, sendo 324 no Brasil. Aqui no Ceará eu consigo listar três: Cagece, Coelce e Termelétrica Fortaleza. Mas há potencial para muito mais.

RF – Qual a importância da participação empresarial para que o país chegue ao patamar da sustentabilidade?

Seravalli – Nenhum objetivo do Pacto Global vai ser alcançado se a iniciativa privada não fizer sua parte. É importante a participação do poder público e da sociedade civil organizada. Mas é fundamental a participação das empresas nesse processo de consolidação da sustentabilidade.

RF – O que fazer para aderir ao pacto? E como empresas, sociedade e governos podem contribuir com os seus objetivos?

Seravalli – Para aderir é fácil. Basta mandar uma carta para o secretário geral das Nações Unidas, que ele dará as boas vindas. Quanto à forma de contribuição, as parcerias são a melhor forma de conseguirmos criar projetos que gerem a sustentabilidade. Sempre que visito projetos e vejo que estão presentes poder público, setor privado e uma organização não-governamental, percebo que dificilmente esse projeto vai se dar mal porque ele tem as competências dos três setores e a sinergia delas é que gera força e energia para o projeto poder continuar.

RF – Como conciliar o lucro com a responsabilidade socioambiental?

Seravalli – Quando o empresário pequeno, médio ou grande incorpora a atitude de buscar a sustentabilidade já é o primeiro passo. A definição da responsabilidade social que eu mais gosto de apresentar é aquela que diz ser uma forma de conduzir negócios, de modo corresponsável com o desenvolvimento da sociedade. Temos que fazer responsabilidade socioambiental, mas temos que conectar isso com o nosso negócio. A empresa é criada para dar lucro. Então não adianta abandonar o objetivo do lucro para fazer ações sociais. Ela tem de escutar necessidades dos públicos e buscar atendê-las, mas sempre incluindo no planejamento do negócio. Se estou querendo reduzir custo, uma variável financeira que afeta o resultado, se substituo uma matéria-prima que é cara por algum material reciclável, certamente será mais barato. Só que na hora que faço a reciclagem, estou reduzindo os impactos no meio ambiente e, ao mesmo tempo, gerando renda para uma comunidade carente.